

Não apaguem a Memória!

movimento cívico

Boletim Noticioso

Penso & Digo

Nº 5 – 21 Jan 07



Museus no Mundo – Galiza

O município de Santiago de Compostela inaugurou a 3 de Novembro do ano passado o seu “Memorial da Liberdade – Repressão e Resistência na Galiza”. O título, só por si, é já um programa. Convém prudentemente acrescentar que na fase presente o Memorial é apenas uma exposição, patente no Auditório de Galicia, em Santiago de Compostela, mas que Ánxela Bugallo Rodríguez, que é a vereadora da Cultura e Desportos, manifestou a sua vontade e disponibilidade para conversar com o nosso Movimento. Estamos mesmo a precisar de um Grupo de Relações Internacionais. Tem que constituir-se no próximo plenário.

Os Grupos que fazem o Movimento...

No Plenário do passado dia 18 foi focada com insistência a necessidade de se divulgar a composição dos Grupos, actualizar a definição da sua natureza e objectivos, bem como a da sua composição e nomeação do coordenador, que, como estabelece a Carta do Movimento, é quem tem assento no Grupo de Ligação. O *P&D* dá o pontapé de saída e aqui faz um primeiro levantamento do que consta ser a composição e objectivos dos diferentes Grupos. Pede-se que corrijam a informação errada, para que o próximo *P&D* possa reproduzir a lista com exactidão.

1. Grupo de Ligação:

Objectivo: Assegurar a coordenação das actividades desenvolvidas pelos grupos de trabalho, propor ordens de trabalho, convocar Plenários, efectuar contactos institucionais, etc...

Composição: Ana Gaspar, António Melo, António Garcia Pereira, Lúcia Ezaguy Simões, Manuel Martins



Audiência com Jorge Lacão

O Movimento, concluída a ronda parlamentar, está a desenvolver contactos com os membros dos Governo que podem influenciar directamente os resultados da Petição entregue na Assembleia da República no passado 26 de Julho. Depois das audiências com o ministro dos Assuntos Parlamentares, Santos Silva, com o ministro da Justiça, Alberto Costa, foi agora a vez do Movimento ser recebido pelo secretário de Estado do Conselho de Ministros, Jorge Lacão, que tem sobre a sua competência governativa, entre outras áreas, a do pelouro da cidadania e intervenção cívica.

A audiência decorreu na manhã de quarta-feira, 17 de Janeiro, e a delegação do Movimento fez um resumo da ronda parlamentar, sublinhando a boa aceitação que todos os grupos parlamentares dispensaram ao Movimento.

O secretário de Estado aceitou com grande cordialidade as propostas do Movimento e incentivou os seus membros a prosseguir na concretização dos objectivos indicados.

Nessa medida, acentuou a importância e interesse para Movimento em encontrar uma forma jurídica estável que permita ao “Não Apaguem a Memória!” ser um interlocutor dos poderes públicos e de outras entidades cívicas que, de algum modo, exercem a sua acção na mesma área da cidadania democrática.

“Criar uma base jurídica” que permita ao Movimento ultrapassar a transitoriedade do mero registo de Pessoa Colectiva, foi uma opinião que o secretário de Estado repetiu por diversas vezes. Apontou mesmo para a “vocação federadora” do Movimento, no contexto nacional, mas, ressaltou, tal só seria possível com uma “base jurídica estável”.

A delegação escutou as opiniões do secretário de Estado, deu conta de que as transmitiria no Plenário, e não deixou de realçar que é de competência governamental concretizar alguns dos objectivos do Movimento. Artur Pinto destacou a necessidade de intercâmbio com os Ministérios da Educação e da Cultura para a difusão junto das novas gerações do que foi a acção da resistência antifascista no seu combate pela liberdade democrática. Sublinhou-se, ainda, a necessidade de ter um museu nacional da resistência num país que sofreu um tão grande período de ditadura.

Silva Melo recorda Flausino Torres

A 16 de Dez 06 Jorge Silva Melo, na sua crónica no *Mil Folhas*, recordou brevemente o Movimento a propósito de uma memória resgatada, a de Flausino Torres. Se aqui o recordamos é, também, para agradecer à editora Afrontamento, que ofereceu o livro ao Movimento.

Guerreiro, Rui Ferreira, Jorge Martins, Victor Santos.
e-mail: contacto@maismemoria.org

2. Grupo “António Maria Cardoso”:

Objectivo: Desenvolver acções para efeitos de criação de um espaço aberto ao público, de natureza histórica e cultural, destinado à preservação da memória da história do edifício da Rua António Maria Cardoso, com particular destaque para a época em que o mesmo foi sede da ex-PIDE/DGS.

Composição: Garcia Pereira e Fernando Vicente (e grupo de acompanhamento)

Coordenação: Fernando Vicente

e-mail de contacto:

3. Grupo “Memorial”:

Objectivo: identificar, o mais sistematicamente possível, os presos políticos do período do “Estado Novo” (1933-1974).

Composição: Irene Pimentel, Emília Neves e Jorge Vasconcelos.

Coordenação: Manuela Brás Almeida

e-mail de contacto:

4. Grupo da Comunicação:

Objectivo: gerir o sítio Internet e o blogue do Movimento; assegurar os contactos com a comunicação social.

Composição: António Valdemar, Carlos Veiga Pereira, Cláudia Castelo, Daniel Melo, Fernanda Ribeiro, Fernando Gomes da Silva, Hélder Miguel Menor, João Tito Bastos, José Nuno, Margarida Portugal, Maria Rodrigues, Paula Cabeçadas.

Coordenação: António Melo

e-mail de contacto: amelocasa@netcabo.pt

5. Grupo “Roteiros da Memória”

Objectivo: assinalar os lugares que marcaram as lutas do povo português pela liberdade e pela conquista da democracia de forma a possibilitar a organização de itinerários político-culturais, destinados aos jovens e às escolas e aos turistas, nacionais e estrangeiros, a serem dinamizados a nível local pelas autarquias.

Composição: Jorge Martins, Paulo Maio, Lúcia Ezaguy Simões, Paulo Martins, Maria Emília Neves, José Villalobos Filipe.

Coordenação: Jorge Martins

e-mail de contacto:

6. Grupo do Museu da Resistência e Liberdade (Aljube):

Objectivo: Desenvolver acções para efeitos de criação de um museu nacional que evoque a resistência e a liberdade conquistada em Abril de 74.

Composição: Ana Gaspar, Filomena Caxias, Vítor Sarmento.

Coordenação: Ana Gaspar

e-mail de contacto: anagaspar@spgl.pt

7. Grupo de Iniciativas:

Objectivo: preparar e organizar as acções do

| FORA DE MERCADO |



A carta à filha

É uma garagem banal, cinco prédios abaixo do meu, quem desce para o Rato. Mas bastou-me ler uma conversa de Jorge Sampaio com Maria João Seixas (em “Entre/Vistas”, Ambar) para, sempre que arrumo o carro, estar menos sozinho. Conta Sampaio que, ao passar por lá, lhe vem à lembrança “um encontro que ali tive com o Manuel Lucena e em que ele me disse que se ia embora”, que partia para o exílio (Roma), recusando a tropa, sem doutrina (ou melhor, fazendo doutrinas, umas sobre as ruínas das outras), à aventura, ao imperativo de uma nova oposição.

Eram rapazes, vinte e poucos anos teriam. Apetecia-me filmá-los agora (ou haver quem os filmasse), de novo naquela garagem, saber como foi aquela despedida, o que disseram, palavras insuficientes, um abraço talvez, por entre os automóveis, ali, onde a minha irmã guardava o Fiat 600 e onde nunca imaginei poder ter cruzado uma cena decisiva, um momento novo, a vida fora das regras.

Está bem que não se pode “apagar a memória”, sim. Mas tarefa generosa seria a de a construirmos, a de a fazermos, de a anotarmos, a de nomearmos os locais, a de chamarmos todos os fantasmas ao jantar. E está a fazer-se tarde, que estamos todos muito velhos.

Como me senti anos atrás, quando, um domingo, entrei na Cister e um grupo de mulheres me pediu uma assinatura para o referendo, mulheres indómitas e que, naquele café, terão estado, assinando listas do Delgado, imagino, quando as faculdades eram ali mesmo, na Escola Politécnica. (Ideia para editora – porque não a Quimera dos belos álbuns do passado? –, um roteiro dos locais onde se conspirou, se juntou gente, trabalhou, se sentou, transitou, a Graça dos anos 20, a Alcântara do pé descalço. E um livro sobre o que veio depois, nos anos depois de Delgado, as vidas cruzando-se na cidade mais nova, o Tatu dos associativos, a Suprema dos Pêcês, a 111, a Barata onde se comprava Mao Tse Tung, o Imperial dos cineclubes finais, tantas discussões sobre a função do cinema mais os filmes possíveis, os de Dino Risi, não apenas as prisões, não apenas as torturas, mas os sonhos, as ideias, as separações, os abraços, que andam a pairar sem nome sobre mim, as traições também – e as mentiras.)

Estava eu nesta volúpia editorial quando me trazem, acabado de sair, na Afrontamento, o belo livro “Flausino Torres, Documentos e Fragmentos Biográficos de Um Intelectual Antifascista”. Belo título, belo livro, bela indicação (“fragmentos”), belo homem, intelectual de quem sempre eu soube tão pouco e me levanta curiosidades várias (comunista? heterodoxo? mas quem é ele, respeitado por tantos e que nunca ocupa mais do que duas linhas nas histórias que teimo em ler?).

Não é fácil responder a este “quem é?”, e o livro sabe-o, que, desses anos tremendos, o que nos pode chegar são fragmentos, cartas inconclusas, nomeações por vezes vagas, alusões, informações truncadas, mentiras também chegam – e se chegam. Nem tudo foi escrito, claro, muito passou em reuniões, conversas a dois, passeios. E preciso ler os fragmentos. E isso faz com modéstia, saber, amor e devoção este livro finalmente sério, inconcluso.

Entusiasmante livro. Sim, que é entusiasmante ver alguém que, da Tondela dos finais dos anos 40, insiste em pensar “O que vai pelo mundo” (título de crónicas num jornal de Águeda), estar atento às artes (o romance, a pintura, as associações de artistas), a tudo o que se move no mundo e por aqui, e à permanente divulgação (tanto artigo disperso, tanta nota), pensar, opor-se, determinado, a directrices do partido (ver o que diz respeito à candidatura de Arlindo Vicente), partir, em 1965 (Paris, Argel, Praga, Bucareste e de novo Praga), quando o mundo lhe parece estar a tomar novo rumo e, por aqui, nada.

Mas, claro, o que me fica deste livro, o que nos fica, na sua intimidade dorida, será a extraordinária “Carta à Filha” (pág. 318), escrita em Praga, em Abril de 69, balanço de uma vida que também é documento em carne viva e tão bem escrito (“Eu vi, Marcela, logo na manhã do dia 21 de Agosto de 68, alguns centos dos 6 ou 7 mil tanques que ocuparam este País de mais de 100.000 kms² em 3 horas. (...) E tudo isto se movia perante centenas de milhares de pessoas que vieram para a rua defender a sua cidade. (...) Eu vi...”

A memória faz-se – e este livro lembrando, fragmentariamente, insistentemente, um homem bom (de quem eu só conhecia o nome e a reputação), ajuda-me, hoje.

Antes de a apagarem, há-de a memória ser feita, escrita, anotada, dita, desmentida também.

E há quem esteja a trabalhar. •

Movimento

Composição: Ana Lia Curado, Ana Gaspar, Fernando Martins, Filomena Caxias, Francisco Raposo, Pedro Alves, José Villalobos Filipe, Victor Sarmiento.

Coordenação: Ana Lia Curado

e-mail: alcurado@sapo.pt

8. Grupo das Relações Institucionais:

Objectivo: preparar os contactos a nível parlamentar, governamental, autárquico, e com instituições da sociedade civil com quem o Movimento considere necessário conversar.

Composição: Martins Guerreiro, Henrique Sousa, Lúcia Ezaguy Simões, Irene Pimentel, Júlia Coutinho, José Villalobos Filipe.

Coordenação: Martins Guerreiro

e-mail de contacto: manuguerreiro@sapo.pt

9. Grupo - Núcleo do Porto:

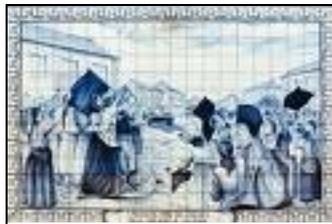
Objectivo: desenvolver acções relacionados com os objectivos do Movimento no âmbito do Grande Porto e participar nas acções a nível nacional.

Coordenação: Albertina Lemos

e-mail de contacto: asalemos@gmail.com

8 de Março – as mulheres na Resistência

Nuno Teotónio Pereira não pôde estar presente no último plenário, mas pediu a alguns outros membros do Movimento para aí apresentarem uma proposta que ele tem no coração e crê, sinceramente, que seria um bom contributo para o conhecimento do que foi a resistência em Portugal. Por circunstâncias várias a proposta acabou por não ser discutida em Plenário. Por isso se retoma aqui.



Nuno Teotónio Pereira pôs a tónica na realização de um colóquio no dia 8 de Março, quinta-feira. A data celebra a revolta das mulheres operárias no Chicago do século XIX e como elas pagaram com a

vida a conquista dos seus direitos salariais. Há um ano foi publicado, da autoria de Ana Barradas, um livro sobre “As Mulheres na Resistência”. Teotónio Pereira propõe que com o Movimento Democrático das Mulheres o “Não Apaguem a Memória!” organize um colóquio que permite divulgar o que foi o papel de resistência da mulher no regime fascista.

Ao mesmo tempo, poderia completar-se esse colóquio com uma exposição de artes plásticas, a apresentar na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Por fim, e aproveitando o fim-de-semana, poderia organizar-se uma excursão ao Couço, que Paula Godinho bem retratou no seu trabalho de doutoramento: “Memórias da Resistência Rural no Sul do País – o Couço”. Poderia ser uma actividade a realizar, no quadro dos Roteiros da Memória.

Aqui fica a proposta.